

**MELO, João. *O Homem que não tira o Palito da Boca*
(Lisboa, Caminho, 2009, 175 pp.).**

“O homem que não tira o palito da boca jamais foi personagem de literatura” é assim que se inicia o primeiro conto que dá nome ao último livro, publicado no final de 2009, de João Melo, escritor angolano. Trata-se do seu quinto livro de narrativa breve, composto por quinze contos.

Um narrador onnipresente de primeira pessoa que relata os factos, acontecidos consigo ou sobretudo com outras personagens que conhece ou de que teve conhecimento, é a característica que perpassa as narrativas, uniformizando-as. A excepção vai para o conto “Amor em tempo de cólera”, título inspirado em Gabriel García Márquez. Trata-se também do conto mais *sério* e emotivo desta obra, o conto que estrategicamente ocupa o centro do livro pela sua oitava posição. É o único conto em que o narrador ao mudar de perspectiva para um narrador de terceira pessoa, apenas observador e descritor dos factos, deixa de usar a ironia e o sarcasmo como recursos narrativos. Esta narrativa, ao quebrar o ciclo irónico dos contos anteriores, vem chamar a atenção para um país construído sobre a falta de esperança que a guerra de vinte e sete anos provocou. É finalmente uma estória sobre o amor no meio de narrativas em que as relações amorosas se revestem de interesses, infidelidades e traições.

Nos restantes contos, essa falta de esperança num país democrático e igualitário, reveste a forma da ironia, pela descrição das personagens principais, suas actuações e pensamentos. São personagens maioritariamente com dinheiro que enriqueceram à custa de esquemas e/ou de corrupção. É o exemplo do falso corrupto, do General Y, de Alves da Costa e do narrador do último conto “O meu primeiro milhão de dólares”. No lado oposto, personagens socialmente insignificantes, temos Bob MCain, o localizador informal, Madinusa, Maria Sabão e Dona Catarina João António. Uma das personagens pelas quais o narrador parece nutrir simpatia é Rui Jordão “angolano, preto, elegante, descomplexado, destribalizado e zen...” (p. 52). É, no entanto, um marido que tem um caso com “uma dezoitinha” (p. 50), sabe-se no final. Esta temática da infidelidade é uma constante na obra. Para além de Rui Jordão, atestam-no a personagem Manuel

Carlos, do conto “O marido exemplar ou uma questão de metáforas”, cuja mulher, no final, é surpreendida ao descobrir que o homem com quem estava casada havia mais de duas décadas tinha uma segunda mulher e um outro filho. A poligamia e a relação real-aparência caracterizam igualmente as personagens Manuel Carlos e o General Y, na forma como se relacionam com os outros.

Por sua vez, o primeiro conto do livro é o único em que não conseguimos identificar uma personagem específica; trata-se de uma introdução à caracterização genérica da maioria das personagens masculinas dos contos. Ainda que em mais nenhuma circunstância se refira essa característica, no geral, as personagens principais dos contos estão de bem com a vida, mostram-se felizes e realizadas, como o homem que não tira o palito da boca.

As marcas pós-modernas dos contos são perceptíveis pelo à-vontade de um narrador que controla as narrativas a seu belo prazer, através de um estilo coloquial, por vezes vernáculo, no intuito de alcançar a verosimilhança. É um narrador manipulador dos factos, consciente da sua condição privilegiada: “Mas isso digo eu, protegido pela minha condição de narrador” (p. 147). Ao longo das narrativas, o narrador vai assumindo a sua postura de observação “multidisciplinar, pós-moderna e, sobretudo, pós-colonial” (p. 17). É uma consciência algo paródica, quer pelas referências directas quer pela intertextualidade que se estabelece: “Ou então fugir constantemente de um lugar para outro, até descobrir o verdadeiro entre-lugar, que simplesmente não existe” (p. 31).

O narrador está consciente das suas opções literárias: “Não esperem, contudo, que eu faça agora uma descrição de Luanda, idílica ou apocalíptica, pois o tempo da literatura naturalista já passou.” (p. 81). Em “O localizador”, desconstrói igualmente a escolha pós-moderna: “Os autores pós-modernos que me perdoem, mas sinceramente, não vejo nenhuma beleza na miséria” (p. 77). É um narrador que tenta confundir o narratário/leitor com o seu papel: “pois, acreditem, ser narrador não é fácil. Somos malvistas por toda a gente. Uns pensam que temos alguma coisa a ver com o autor, quando este, regra geral, não passa de um pobre coitado, como é o eu caso” (p. 22).

É um narrador que reflecte de forma metaliterária a cada momento da estória. É pragmático¹ e não faz questão de criar

¹ Cf. “Esta estória conta-se em três penadas. Para tanto, o narrador evitará descrições, rodeios, floreios e enfeites inúteis e desnecessários. O relato tentará, assim, ser nu e cru, como a vida” (p. 155). No entanto, isto não passa de um programa de intenções,

suspense, avisando logo no início de “O meu primeiro milhão de dólares”: “Se pensam que esta estória ainda vai acabar mal para mim, estão redondamente enganados. Felizmente, o narrador sou eu” (p. 163 – início). É um narrador que, por vezes, deixa as personagens intrometerem-se na estória e elas próprias tornarem-se narradoras, por breves momentos (cf. p. 24). Comenta, igualmente, sem pudor, a realidade que o cerca, veja-se o exemplo da crítica irónica à vertente bélica dos americanos, patente logo nos títulos dos contos e/ou nos nomes escolhidos para as personagens, em “American way of life” e em “Madinusa”. Crítica que recai inclusive no antigo presidente norte-americano: “Como sempre, G. W. Bush não compreendia nada do que acontecia à volta dele” (p. 61).

As temáticas dos contos giram em torno da Angola contemporânea, mais especificamente da forma de vida da burguesia endinheirada angolana. As personagens mais conservadoras não conseguem olhar para a realidade envolvente sem asco, como o velho Zacarias, constatando que “O pior é a degradação moral. Não há mais princípios. Não há valores. É um vale tudo” (p. 27). Esta observação de Zacarias, aparentemente moralista, sobre as amantes que se passeiam de jipe Touareg, logo no segundo conto do livro, apresenta e resume o crescente que os restantes contos instauram na obra. É, no entanto, uma observação da realidade que se revela tragicamente irónica, porque a sua observação sobre a realidade mostra que afinal ela está mais próxima de si do que imaginaria: a rapariga espalhafatosa que vê sair do Touareg é, afinal, a sua filha, o que leva o narrador a interrogar os leitores: “Digam-me os leitores: como reagiriam se estivessem no lugar do mais-velho Zacarias?” (p. 28). De facto, o desfecho em aberto é marca de alguns contos, passando para o leitor a responsabilidade de concluir a estória. Esta relação com o leitor é frequentemente instigada pelo narrador.

Outra temática abordada é o racismo, resultante da convivência entre brancos e pretos, sobretudo devido ao regime colonial, quer através de reflexões do narrador, quer através do pensamento, falas ou actuações de personagens. É o exemplo de Rui Jordão, em “Um angolano especial”, a personagem sem preconceitos “de tipo epidérmico” (p. 44) e, no lado oposto, de Margarida, visceralmente racista, em “Uma estória edificante”. Geralmente, é apresentado como um preconceito resultado do colonialismo.

uma vez que a subjectividade do narrador é uma constante ao longo do livro, visível através da ironia ou do humor negro.

A desconstrução como técnica de observação da realidade está presente em todos os contos. Essa desconstrução passa sobretudo pelo olhar irónico lançado sobre a realidade caluanda, mas em alguns contos acaba por ser universal, por se debruçar sobre as características humanas: “Essa posição é mais um exemplo de que os seres humanos são intrinsecamente contraditórios (...)” (p. 150). É uma desconstrução que passa inclusive pelo questionamento intertextual da explicação bíblica da gravidez da virgem Maria, no conto: “A virgem Maria de Sambila”.

A crítica à corrupção, tema central do conto “O falso corrupto”, expõe ironicamente personagens como Mário Alberto Alves da Costa de “O ex-português”. É um tema recorrente ao longo do livro, porque, como refere o narrador de “O falso corrupto”: “Uma das verdades universais mais irrefutáveis é que a corrupção grassa livre e impunemente em Angola” (p. 134). No entanto, a ironia irrompe do facto de “apesar da existência da corrupção no país ser uma autêntica unanimidade nacional e internacional, ninguém conhece nenhum corrupto angolano” (p. 137).

A crítica à imprensa, numa perspectiva irónica, é também visível em alguns contos. Em “O localizador”, por um lado, é a imprensa portuguesa, parcial, exposta ao ridículo, à qual falta rigor. Por outro, é a imprensa que denuncia e por isso incomoda, em “O meu primeiro milhão de dólares”.

Através dos contos, o autor dá-nos a conhecer a história recente de Angola. O conto “Um angolano especial”, por exemplo, sintetiza o que foram os avanços e recuos na guerra civil pós-independência.

É indesmentível a relação da literatura com a história presente de Angola, à excepção do conto “Madinusa”, que se passa no Brasil. No entanto, o narrador tenta afastar-se desta relação: “Ao contrário de outros narradores, não acredito que literatura seja história e muito menos sociologia ou psicologia” (p. 156). Estes contos de João Melo, contudo, não se dissociam da história presente de Angola (e isso não é negativo), ficcionalizando a realidade num estilo desenvolvido, sem preconceitos, deliciosamente lúcido e irónico, que cativa e faz sorrir o leitor pelas preocupações que instaura.

LOLA GERALDES XAVIER